

Assaré da poesia e da agroecologia



O sonho de vida digna para os nordestinos passava pelo pau de arara, pelo deslocamento para o sul ou sudeste do Brasil e o poeta Patativa do Assaré relatou muito bem esse momento na história de vida nordestina através do poema a «Triste Partida» imortalizado na voz de Luiz Gonzaga. Falta de terra, de água e de políticas públicas forçavam a migração, «meu Deus!» Bastava um ano de seca para acontecerem saques, a fome assolar o povo e as periferias das cidades se encherem de pessoas que saiam do campo em busca de trabalho. A distribuição de cestas básicas e as frentes de serviço eram as poucas

políticas que chegavam ao sertão, que chegou à Assaré. « Eu não gosto de ouvir essa música não», disse Antonia Cleide da Silva, «porque ela é muito triste».

Quem chega na casa de Cleide hoje, jamais imagina que o lamento do poema saiu daquele chão Cearense, a alegria na acolhida, a fartura na mesa e na roça, uma grande área de mata preservada contrastam com o enredo contado por Patativa do Assaré, mas com a família dela não foi muito diferente, trabalharam nas frentes de serviço e como no poema «A triste Partida» tiveram de vender até mesmo o galo e deixar sua comunidade para trabalharem na cidade. «A gente só pensava em voltar para o nosso canto e a coisa começou a mudar no ano de 2007 quando começamos a receber a Bolsa Família», relata Cleide que vai além, a bolsa foi uma ajuda, ajudou a gente se levantar, nos possibilitou o básico, trabalhar mais e para nós. Antes a gente não conseguia trabalhar para nós, com o recurso da bolsa a gente ia se alimentando e o que adquiríamos com o trabalho a gente ia juntando... « eu vivia na cidade trabalhando com meu esposo sempre naquele plano de voltar para nosso cantinho, para nossa comunidade, comprar a terra.» Em 2009, Cleide e sua família conseguem comprar uma área de terra e algumas cabeças de gado, ovelhas e galinhas e o sonho de retornar a comunidade se concretiza. «A partir daí a coisa mudou», em 2010 conseguem acessar o PRONAF (Programa Nacional da Agricultura Familiar) a comercializar suas primeiras produções. Em 2011 conseguiram montar estrutura de irrigação para cerca de um hectare de terra e passaram a produzir ainda mais hortaliças. Em 2013 a família é contemplada com a cisterna de primeira água e passa a perceber a importância de estocar água, foi naquele ano que conseguiram melhorar a infraestrutura da propriedade, com a reforma do curral e a compra de uma moto para ajudar





na entrega das hortaliças. Ainda em 2013 participaram de intercâmbios e formações com o Padre Vileci. «foi muito importante para nós as formações em convivência com o semiárido, para lideranças rurais», diz Cleide, «aprendemos a cuidar melhor da terra e a estocar alimentos assegurando a produção animal no período da seca». Enquanto Cicero Pereira de Araújo, o Robério, esposo de Cleide afirma: «Nós já vamos para o quinto ano seguido de seca, mesmo assim a gente continua produzindo». Nesse ano de 2016 a família adquiriu mais uma moto e um reboque para facilitar ainda mais as entregas das hortaliças, fizeram ainda a

cerca elétrica no curral dos bodes, «ficou uma beleza», diz Santinho, «porque antes a gente ficava preocupado, eles pulavam a cerca e a gente tinha que ir atrás, agora não, não sai um».

O agrossistema de Cleide e Robério gera trabalho e renda para seis pessoas, além do casal os filhos Antonio (santinho) e Robson, o sobrinho Rodrigo e a nora Karina. Além de manter os filhos por perto, para Cleide é muito bom produzir o próprio alimento «o feijão é daqui, o arroz é daqui, a carne («pode comer essa carne de poico aí os menino, que é de um poiquim conhecido», disse Robério, em um dia que almoçávamos na casa do casal), as hortaliças... a única coisa que eu compro é o macarrão.» A família assegura a qualidade de vida e passa a se preocupar com o ambiente usando apenas insumos naturais como o composto orgânico e o biofertilizante, «estamos deixando uma área verde», diz Santinho, «lá nós não mexemos, não queimamos, a mata está se recuperando lá». Robério diz, «antes a gente derrubava tudo, queimava... mas agora a gente tá mudando... num adianta, né destruir.» Assaré é uma cidade que está localizada a cerca de 482 quilômetros da capital Fortaleza e tem como principal atrativo turístico o museu do Patativa. Pesquisadores do Brasil e do mundo visitam a cidade com o intuito de conhecer melhor a vida e a obra de Antônio Gonçalves da Silva, muitos desses pesquisadores já esticam em mais 24 quilômetros a sua viagem e vão conhecer o sítio Izar, onde mora Cleide e sua família para entender como é possível produzir agora, mesmo em período seco, se antes quando não chovia o sertanejo tinha que migrar. O movimento agora é contrário, Cleide e sua família fazem com que a agroecologia se torne um atrativo turístico a mais na cidade de Assaré, são testemunho de que quando há terra e políticas públicas, não falta coragem para o trabalho, é possível produzir gerando emprego, renda e qualidade de vida no campo, preservando a biodiversidade.

